



Clóvis Monteiro

Clóvis Monteiro

Antônio Nunes Malveira, da ABF

Nasceu a 10 de setembro de 1898 em Fortaleza e faleceu no dia 13 de julho de 1961, no Rio de Janeiro.

Quando cheguei ao Rio de Janeiro, na década de 50, egresso do seminário, familiarizei-me com o nome do Professor Clóvis do Rego Monteiro como estudioso da língua pátria, percuciente pesquisador dos problemas filológicos, trabalho penoso, árido e que somente os que têm amor ao vernáculo são capazes de realizá-lo. Não é tarefa para os improvisadores, mas uma dedicação destinada àqueles que palmilham os recônditos da língua em busca da verdade, muitas vezes oculta nos arquivos, em obras do passado, nas revistas, nos jornais, nas polêmicas que infelizmente desapareceram da imprensa.

Hoje, ninguém mais se preocupa em discutir questões de linguagem - é assunto de grupo fechado, restrito, de alguns professores idealistas desconhecidos do grande público. Vivemos a época das ciências econômicas e do lucro fácil. Como se a solidez da língua não fosse um fator de segurança do próprio Estado como um todo, pois é através dela que interpretamos as vacilações sociopolíticas e econômicas do país, para não citar a sutil explicação das leis. Sem seu domínio, não me parece fácil a construção de uma sociedade estável.

E nesta área insípida da filologia, o professor Clóvis Monteiro escreveu trabalhos de alto nível, indispensáveis a quantos se interessam pelo estudo do idioma. Em sua primorosa obra *Português da Europa e Português da América*, ele estuda os aspectos da evolução do nosso idioma e nela demonstra vastos conhecimentos da história e da geografia do continente americano, tudo aliado a uma sólida formação lingüística. Nessa obra, hoje clássica, o autor analisa a estrutura das línguas grega e latina, do sânscrito e outras tantas, com admirável segurança de quem consumia as horas disponíveis do magistério, no silêncio da noite, em investigações exaustivas. Só quem vive na tranqüilidade das bibliotecas poderá deixar à posteridade trabalhos de fôlego, de observações e consultas. As grandes realizações dependem de um espírito metódico, e o mestre Clóvis Monteiro o tinha, a prova está em seus sucessos intelectuais.

Quando, em 1957, ingressei na Faculdade de Letras da U.E.R.J., dois nomes ilustres reboavam nos corredores da Instituição, admirados e acatados pelos alunos: o dos Professores Clóvis Monteiro e Antenor Nascentes, este, o mestre da filologia românica, e ambos tiveram grande influência na minha formação profissional.

O Professor Clóvis Monteiro era um homem calmo e sereno, de voz pausada como quem fala escandindo as sílabas, disciplinando a regência e a concordância verbal. Era portador de uma vasta cultura literária e histórica, e muitas vezes, durante as aulas, demonstrou seu pendor para esse campo do conhecimento humano, ao lado de sua sólida cultura lingüística. Quando recitava versos de Camões focava, com minúcias, não só a essência da língua, mas todos os aspectos sócio-históricos, geográficos e antropológicos da nação portuguesa na época da sua expansão marítima. Era o tipo de preleção indispensável a qualquer estudante de ciências humanas.

Como dissemos possuía uma grande inclinação para a literatura. Certa vez, ele ia nos falar a respeito de Saíd Ali e a filologia no Brasil - o assunto da aula. Antes, porém, aquiesceu-me que lhe formulasse uma pergunta - tratava-se do grupo mineiro. Ele empolgou-se, pôs-se de pé e nos ofereceu a mais bela aula sobre o assunto; e durante vários dias os alunos comentaram aqueles momentos de estética literária. Era um intelectual de idéias próprias e quando citava autores estrangeiros, tinha sempre sua conclusão pessoal e lógica. E sempre nos dizia: "O professor, como ninguém, precisa ser um homem de estudos, de análise, um perscrutador dos fatos científicos para não se tornar num mero repetidor do pensamento alheio". Ele tinha uma teoria sobre análise sintática, *sui generis*, mas nunca chegou a escrevê-la, apesar dos insistentes pedidos dos alunos.

Nasceu para ser professor, pois tinha grande consideração pelos seus discípulos, tanto que punha à disposição dos menos afortunados sua primorosa biblioteca, no Cosme Velho. Se estivesse enveredado pelo caminho do direito, teria sido um excelente advogado, um jurista, uma vez que possuía o domínio da língua, uma capacidade de síntese, um enérgico poder lógico-filosófico, atributos indispensáveis à interpretação das leis.

Nas suas aulas, sempre tecia louvores ao Colégio Pedro II, trampolim da cultura nacional, do qual fora Catedrático através de brilhante concurso. Por ocasião de seu falecimento, em câmara ardente, no Salão Nobre do Colégio Pedro II, o ilustre Professor Rocha Lima, Catedrático de Português, em nome da Congregação, pronunciou-lhe um belo discurso, do qual destacamos esta passagem:

Clóvis Monteiro quer como Secretário de Educação da antiga capital da República; quer como mestre insigne de futuros professores, na cátedra universitária; quer, ainda, como intelectual de nomeada em todos os recantos do País, Clóvis Monteiro jamais deixou de ser - fundamentalmente, nuclearmente, sangüineamente - um homem do Colégio Pedro II. Nele, como em poucos, se haverá refletido melhor aquela humaníssima concepção de vida que tem construído, pelos tempos fora, a alma de nossa casa, com todo o generoso calor de sua fraternidade. Cló-

vis acreditou na força do trabalho, acreditou na força da bondade, acreditou na força da beleza.

Trabalhador, lutou como raros, na asperidade de um dia-a-dia gotejante do suor do seu rosto, para a glorificação épica de sua vitória de chefe de família e homem de bem.

Como se percebe, o ilustre catedrático, professor Rocha Lima, como mestre da língua portuguesa que ele tanto amava desde a juventude, e a cultivava com seriedade ao longo do anos, revelou sua alma artística, de poeta, de uma fina sensibilidade inerente aos homens de Letras, setor em que ele há muito atingiu o mais alto voo. “Trabalhou, lutou como raros, na asperidade de um dia-a-dia”. Aqui, o orador, vibrante e emocionado, retrata com argúcia, o homem do velho Nordeste que, pelas circunstâncias do meio geográfico, político e social, batalha contra o tempo, contra as estruturas sociais, contra tudo, a fim de alcançar o ápice da glória. Poucos fogem a esse desafio, pois ali, naquela região inóspita, não há espaço para os pusilâmines. Só os fortes arrancam as pedras do caminho.

O professor Clóvis Monteiro foi imbatível diante dos fatos supervenientes da vida, uma vez que ainda em plena juventude perdeu seu pai, triste fato que o obrigou a dedicar-se ao árduo trabalho jornalístico para prover o sustento de sua querida mãe e de sete irmãos. Só quem viveu ou vive no velho Nordeste poderá avaliar conscientemente como foi dura a batalha. Aos 16 anos, foi secretário de “A Tribuna” um dos mais vibrantes jornais cearenses da época. Nele, por seu intermédio, o Dr. Matos Peixoto iniciou sua vida de jornalista. Aos 19 anos por concurso, ele assumiu o cargo de Professor Normalista da Armada, com exercício na Escola de Aprendizes de Marinheiros no seu estado natal, tendo entre seus alunos, o maestro Eleazar de Carvalho. Três anos depois, com 21 anos, escreveu a tese “Morfologia e Sintaxe dos Substantivos na Língua Portuguesa” e em torno da qual manteve uma polêmica através do Jornal do Comércio, do Rio, com o Professor Cândido de Figueiredo. Seu oponente pensava que estava discutindo com um homem amadurecido, um medalhão semi-erudito, mas qual a sua surpresa, quando verificou que o opositor se tratava de um jovem que, como poucos de sua idade, já era portador de uma vasta cultura lingüística.

Formou-se em direito pela Universidade do Ceará, onde foi aluno do famoso romanista Professor Matos Peixoto. O aluno e o mestre mantinham discussões, oralmente, a respeito da etimologia de palavras. O professor Matos Peixoto não se conformava com o fato de o aluno prestar exames de 2.^a chamada, e costumava, de acordo com seu temperamento jansenista, dificultar as provas daqueles que, por circunstâncias tais, a elas não podiam se submeter no tempo hábil. O motivo do Professor Clóvis Monteiro era o excesso de trabalho, mas, assim mesmo, ele se destacava nas notas principalmente, nos exames orais. Com o firme propósito de alcançar o píncaro da montanha, transferiu-se para o Rio de

Janeiro, em 1926, com 28 anos, e veio para ficar, e com isto ganhou o magistério carioca. Aqui chegando, não perdeu oportunidade e enfrentou os concursos públicos com firme determinação. Em 1928, obteve o 1.º lugar no concurso para professor do Ensino Secundário da antiga Prefeitura do Distrito Federal, tendo como seu examinador, o professor David José Pérez. Na época, em que os concursos públicos eram valorizados, e o professor acatado pela elite cultural, isto era uma glória. Hoje infelizmente as coisas sérias são vistas por outro prisma. Até quando, ninguém sabe. Só Deus.

Não parou por aqui, era muito pouco para um homem de sua cultura e de sua inteligência. Três anos depois concorreu à Cátedra de Literatura para a Escola Normal do Distrito Federal, disputando com a célebre poetisa Cecília Meireles, a favorita e, além do mais, conhecidíssima nos meios intelectuais da capital da República. Muitos candidatos desistiram do concurso quando tiveram conhecimento da ilustre candidata, considerada, por não poucos, imbatível. No entanto ele não se afastou do caminho traçado; aliás o nordestino não renuncia fácil aos seus ideais. O professor Clóvis Monteiro enfrentou a batalha, como sempre, confiante em si mesmo, pois o único incidente seria não ganhar a Cátedra. E para a surpresa do público assistente, além do mais, seletos, ao término das provas ele e a poetisa estavam empatados nas notas. Ele brilhara nos exames orais, pois além do poder oratório dominava o assunto de sua tese: "Traços Românticos na Poesia Brasileira". Na bibliografia que apresentou havia obras desconhecidas por alguns membros da banca examinadora, menos o mestre Nascentes que estava a par de tudo que se publicava na Europa em matéria de linguagem. O professor Clóvis Monteiro era freqüentador assíduo da biblioteca dos Maristas, em Fortaleza, que renovava constantemente o acervo de seus livros, com publicações francesas, portanto, era uma biblioteca atualizada, longe do Rio de Janeiro.

O empate foi inesperado para o público. O presidente da banca examinadora era Antenor Nascentes, amigo intransigente do direito e da justiça, homem que colocava a dignidade humana acima de qualquer injunção política, e, além de tudo isso percebeu a superioridade cultural do professor Clóvis Monteiro a quem, com voto de Minerva, deu-lhe a vitória final.

O triunfo consagrou-lhe nos meios intelectuais, e, daí em diante sua estrela começou a brilhar com intensidade. Mas era imprescindível a sua marcha ascensional, e, desde, então, começou a pensar a sonhar com a Cátedra do Colégio Pedro II. No 1.º concurso concorreram: ele, Jacques Raimundo e Quintino do Vale, saindo vitorioso Quintino do Vale, ficando ele na segunda colocação. Nem sempre, podemos ser o primeiro em nossas lutas.

O fato, porém, de ter perdido o concurso para um colega ilustre como o professor Quintino do Vale, não lhe causou desânimo, ao contrário acendeu nele a chama da esperança, a certeza da vitória futura. O segredo estava em saber esperar outra oportunidade. E ao nordestino não falta a paciência de um

novo encontro, porque a geografia do meio hostil lhe prepara para os embates da vida. E foi justamente isto que ocorreu com o mestre Clóvis. Quando se abriram as inscrições para o novo concurso da Cátedra, ele candidatou-se com a tese: “*A linguagem dos cantadores*”. Desta vez disputaram com ele, Jacques Raimundo, Sá Nunes, porém o Professor Clóvis Monteiro foi aprovado, como não poderia deixar de ser em 1.º lugar; e quem ler sua tese, não porá dúvida no êxito do concurso. *A linguagem dos cantadores* é um trabalho de pesquisa séria, de lucubrações, indispensáveis a quantos se interessam pelo estudo da linguagem popular. Antes dele, de meu conhecimento, há dois outros: *O Linguajar carioca*, da autoria do mestre Nascentes, e o *Dialeto caipira*, de Amadeu Amaral.

O professor Clóvis Monteiro, na sua tese, analisa, com sua autoridade, o vocabulário dos cantadores de maneira abrangente: os verbos, buscando sua origem, como do verbo *judiar* no sentido de maltratar, muito usado no Ceará, não somente pela classe inculta, mas também pelos letrados. Era comum nas fazendas: “tá judiando do bichinho”, com referência aos animais domésticos. No mesmo sentido o verbo era usado com referência às pessoas. “Você não pode judiar de seu irmão”; advertência que o pai de família fazia ao filho irascível, quando este se excedia aos irmãos mais frágeis.

Não faltou ao autor a paciência de verificar as palavras de procedência grega, hebraica, germânica, árabe, italiana, espanhola, provençais, turcas, persas, etc, todas elas inseridas na alma popular do velho Nordeste. Também não lhe passou despercebido o sistema fonético dos cantadores que ele esquadrinhou com espírito beneditino e outros aspectos morfológicos. Quanto à sintaxe o eminente catedrático demonstrou que os cantadores, homens do povo, humildes e sem instrução, não podiam ater-se à linguagem culta, mas nem por isso, tudo neles é irregular. “E, como quer que seja, não se sacrifica nunca a naturalidade e a clareza”. No auge da defesa da tese, no Salão Nobre do Pedro II, um dos examinadores, José Oiticica, criticou, com a veemência que lhe era peculiar, a sintaxe dos cantadores; mas o candidato, com sua serenidade, seu dom oratório, e com o domínio do assunto, provou ao examinador que a sintaxe não é patrimônio exclusivo da linguagem culta; porém, a língua do povo também possui a sua, uma vez que a fala dos humildes não deixa de ter a disposição das palavras na frase, no discurso, bem como a relação lógica das frases entre si. E essa defesa, ele a fez com diplomacia, porque conhecia o temperamento flutuante do velho Oiticica, que já havia espinafado de público o honrado candidato professor Sá Nunes. A sua vibrante defesa empolgou o auditório, o saudoso auditório dos concursos públicos do velho Colégio Imperial, pois Quintiliano já afirmava nas suas Instituições Oratórias: - “A eloquência é a ciência de falar bem – isto é, a força de persuadir e de convencer”.

Mas, ao final de tudo, valeram as noites insones, porque ser catedrático do Colégio Pedro II, o maior título da época, era a glória para qualquer intelectual. Qualquer homem de letras que alcançasse tal título, sentir-se-ia plenamente

realizado e seu nome tornar-se-ia conhecido em todo o território nacional. No seminário de Fortaleza, centro de estudos clássicos, os professores de Português do Pedro II eram conhecidos através de suas obras; lembro-me nomes citados pelo P^{re} Zezinho como: Antenor Nascentes, Said Ali, José Oiticica, Fausto Barreto, por intermédio de sua imortal antologia. O livro de ciências usado era o de Waldomiro Potsch, portanto os seminaristas conheciam a distância a essência cultural do nosso Pedro II – a fonte da história educacional do Brasil.

Mas voltemos ao nosso Clóvis Monteiro. A tese, *Linguagem dos Cantadores*, por ocasião de sua impressão foi reduzida na parte vocabular a fim de baratear o custeio da edição cujo orçamento ultrapassava as condições econômicas do candidato. A parte não impressa, ele levou-a em fichas para reforçar o conteúdo de sua defesa perante a banca examinadora. Esta parte, até hoje inédita do público especializado, encontra-se com sua eminente filha, Professora Eneida do Rego Monteiro Bomfim, Catedrática de Português da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Ele pensava em refundir a obra com esse material, porém o destino não lhe permitiu a realização de seus sonhos. Foi uma perda para os estudos lingüísticos, porém o prolongamento de nossa existência sempre foi e será uma incógnita. Em suas obras, percebe-se seu espírito de pesquisa e reflexão, e em todas elas se encontra facilmente a marca de sua personalidade e a conclusão lógica de seus estudos, de seu pensamento autêntico, independente.

No seu livro – *Fundamentos clássicos do português do Brasil*, ele analisa a língua portuguesa no século XVI, no período cultista, no período arcádico, na época romântica, na época realista, na naturalista; o problema da língua nacional no Brasil, língua nacional e dialeto, o dicionário e a gramática de Moraes, etc. Esse livro foi o resultado das aulas ministradas por ele no curso de Letras da U.E.R.J, em 1959, e que, a pedido dos alunos, ele as tornou públicas, principalmente, para atender aos nossos exames finais, uma vez que a matéria não se encontrava condensada nos compêndios, estava completamente dispersa.

Apesar de nos lecionar o vernáculo com carinho, era patente sua inclinação para a literatura, o que se nota através das obras que escreveu, pois era portador de uma linguagem fluente e elegante, típica dos homens de sensibilidade artística. A sua cultura, percebia-se constantemente durante as aulas. A sua obra *Esboço de História da Literatura* resultou de um curso dado por ele, em 1940, no Colégio Andrews, aos alunos que se destinavam ao curso de Direito. Na turma havia uma aluna, Mariana de Lorena Moreira Bastos, dedicada e inteligente, que taquígrafava as preleções dos mestres e depois oferecia a cada um a cópia datilografada. Depois de concluído o curso, o Professor Clóvis Monteiro entendeu que devia reunir em livro aquelas aulas que tanto beneficiaram os alunos na sua formação cultural. E é ele quem afirma que lhe pareceu necessária a publicação, “por conterem correções a erros e equívocos de críticos brasileiros e portugueses, sobretudo, no que toca à posição de Gil Vicente na história

do teatro ibérico, à interpretação de certos pontos da história do Classicismo, principalmente no período arcádico, e ao Romantismo, nas suas origens e evolução nas literaturas européias”. Rio, 27/02/1961.

O mestre Clóvis Monteiro, ao lado de sua imensa cultura, tinha o senso do administrador, o que não é comum ao intelectual, aos que se dedicam à pesquisa. Como Secretário de Educação no antigo Distrito Federal, realizou uma obra educativa com visão de estadista, uma vez que prestigiou o ensino industrial, e, além do mais, criou escolas rurais e duplicou a rede escolar. Apesar de ser um homem de letras entendia a importância do ensino profissionalizante. Além do mais, sabia como demonstrou, na sua gestão que nenhuma nação pode viver só de poesia e das obras de arte, apesar de, indubitavelmente retratarem a alma artística dos povos. Afirmava, porém que, ao lado de tudo isso, era imprescindível o estudo prático, objetivo, a mão de obra especializada, e, sobretudo, a larga investigação científica. Tinha consciência de tais programas, pois, certa vez, em plena aula de português demonstrou a importância do ensino técnico para o desenvolvimento do Brasil. E afirmava: “O Ministério da Educação necessita com urgência de um plano educacional realista que prepare desde o marceneiro até o mais eficiente pesquisador, porém sem nunca descuidar o ensino da língua”. Advertência feita no final da década de 50, infelizmente, ainda incontestável. E quem estudar um pouco o envolver da nossa educação perceberá, sem esforço, a decadência do nosso ensino.

Em 1935, o P.^s Arlindo Vieira S. J. publicou um livro – A Decadência do Ensino no Brasil, com belo prefácio do Dr. Jonathas Serrano. É uma publicação de 175 páginas que inicia com uma carta do Professor Clóvis Monteiro ao autor, e da qual destacamos o seguinte texto: “sua crítica é na verdade severa, mas justa e necessária”. E mais ainda: “as melhores provas, pois, de quanto tem baixado o nível do nosso ensino secundário guardam-nas certamente em seus arquivos as escolas superiores para onde afluem alunos de todos colégios a revelarem, em geral, venham de onde vierem, as mesmas deficiências e os mesmos vícios em sua formação intelectual”. E em outra passagem da carta afirma: “os médicos que mais se distinguem entre nós, nos domínios puros da ciência, não são, de certo, os que ignoram rudimentos de grego. (O Professor Clóvis Monteiro aprendeu grego no seminário de Fortaleza com o Padre Pedro Zingerlé). E quem apontará ainda agora, um jurisconsulto de verdade que não tenha chegado a ler algumas páginas de Cícero?

Estamos a fazer uma experiência que já nos vai custando muito caro. É tempo de se corrigirem os erros fundamentais de organização de nosso ensino, convencendo os legisladores e os administradores da República da qual nos vamos afastando – cada vez mais dos caminhos que devíamos trilhar.

Como se vê, o ilustre mestre dispunha de uma ampla visão do problema educacional brasileiro já *in illo tempore*, pois suas palavras, podem, hoje, ser repetidas em qualquer debate concernente ao nosso ensino. Em 1924, ainda em Fortaleza, ele escreveu um artigo – neologismo necessário –, na revista de filologia

portuguesa, publicado no dia dez (10) de outubro. No artigo ele diz: “há palavras que nascem com destino feliz: vivas, como que naturalmente se desdobram no espírito do povo e adquirem acepções que a reação doutrinária não é capaz de extinguir. A linguagem tem de atender às necessidades sociais e, por isso, o vocabulário de toda língua viva é sempre móvel”. O Professor Clóvis Monteiro (nem todos sabem) era um poeta de fina sensibilidade, e as suas poesias estavam inéditas do grande público, e, somente uma minoria tinha conhecimento dessa produção literária, mas já vieram a público, por intermédio da sua ilustre filha, Dra. Eneida Bonfim.

Como vimos era ele detentor de um pensamento original além do mais vigoroso, nunca se filiou a grupos ou escolas; e nem podia, pois um homem da têmpera intelectual como a sua, independente no mundo das Letras, às mais das vezes crítico – mesmo sereno como sempre o foi –, tinha que ser livre das peias doutrinárias. Escreveu poucos livros, porém os que deixou são mais do que suficientes para provar seus méritos e sua grande robustez mental. O que deixou, contudo publicado (dispersos) pelos jornais, aqui e no Ceará, nas revistas, bem que podia ser reunido em volumes. Suas obras estão esgotadas e a Nova Antologia Brasileira organizada de acordo com os programas das escolas secundárias da época, hoje, é obra de consulta. Nela encontramos trechos escolhidos de autores brasileiros e portugueses, com informações bibliográficas, notícias resumidas de correntes literárias. As anotações de rodapé são verdadeiras aulas de filologia.

Por fim, era ele excelente orador, vibrava diante dos fatos ligados aos problemas de seu país em qualquer setor da cultura humana. Não escrevia seus discursos, fazia-os aproveitando-se das circunstâncias psicossociais, uma vez que era condutor de vastos conhecimentos gerais. E várias vezes deu prova dessa sua habilidade, principalmente no dia da bandeira, quando Secretário de Educação do antigo Distrito Federal na presença do Prefeito Mendes de Moraes e do Presidente da República, General Eurico Gaspar Dutra; e na Academia Brasileira de Letras numa conferência sobre Luís de Camões. Foi, além de professor, advogado, jornalista, político, no bom sentido da palavra, mas a tudo sacrificou em prol do magistério que tanto amou e tanto defendeu, aliás, com veemência. Com esse gesto vocacional orientou e ilustrou gerações; e, com isto, sobretudo, ganhou o Brasil.

E, concluindo, não seria exagero afirmar que o professor Clóvis Monteiro nos ministrou um curso de língua portuguesa em toda sua plenitude e, para tal, contou com a ajuda valiosa criteriosa e segura de seu assistente, o eficiente professor Olmar Guterres Silveira que, semanalmente, nos encantava com suas doudas aulas de português histórico, usando sempre textos arcaicos. Aprendemos muito com ele; não tinha oposição na classe, era o mestre querido de todos em virtude de sua capacidade, de sua objetividade e de sua didática aprimorada. Faleceu nos devendo um compêndio sobre sua especialidade.

O professor Clóvis Monteiro, portanto, tinha entre tantas qualidades também essa rara virtude, a de saber escolher seus auxiliares.

Este foi o *magister prudens et probus* que conheci, e, além de tudo, idealista, e que jamais, nem de longe, aos alunos transmitiu um vislumbre de pessimismo. Ao contrário, sempre procurou inserir no *animus* de cada discípulo a dignidade do professor como sustentáculo social e de plasmador do caráter brasileiro, sem o que não haverá salvação nacional.